



Entre o Pensamento, a Religião e a Contemporaneidade: as hipérboles do ser e a comunicação equívoca do sagrado

Between Thought, Religion, and Contemporaneity: the hyperboles of being
and the equivocal communication of the sacred

José Carlos Aguiar de Souza*

Resumo

O pensamento filosófico contemporâneo se compreende como pós-metafísico, pós-religioso, pós-moderno e pós-filosófico. Ele advoga uma metafísica sem metafísica, uma ética sem ética e uma religião sem religião. O objetivo deste artigo é explorar as possibilidades de refletir sobre o lugar e o papel de Deus, da religião e da mística no discurso filosófico da contemporaneidade, tendo como referência o pensamento de William Desmond. Para o pensamento desmondiano, existe uma porosidade íntima, idiótica, no chamado à verdade. O pensamento é uma abertura comunicativa para a sua própria fonte originadora. Isso significa que o pensamento se encontra no limiar do saber, podendo abrir-se para uma posição de reverência diante do mistério do ser. Através de metáforas metafísicas, nomes intermediários para além da determinação unívoca das construções metafísicas do passado, Desmond busca refletir sobre algo presente em meio à finitude, que indica uma transcendência primeira que vai além da nossa experiência: uma transcendência superior essencialmente assimétrica à nossa própria transcendência. Tais metáforas ou hipérboles asseguram o enigma envolvido na questão de Deus e do ser religioso. Tal enigma ou mistério não é algo negativo, mas uma abertura para uma origem agápica mais plena e supradeterminada.

Palavras-chave: Metaxologia. Religião. Pós-moderno. Ágape. Mística.

Abstract

The contemporary philosophical thought regards itself as postmetaphysical, post-religious, postmodern, and post-philosophical. It advocates for metaphysics without metaphysics, ethics without ethics, and religion without religion. This paper aims at exploring the possibilities of thinking through the place and role of God, religion, and mystique in the philosophical discourse of contemporaneity, having William Desmond's thought as a reference. According to Desmond's thought, there's an intimate, idiotic, porosity in the call to truth. Thought is communication openness for its own originating source. This means that thought is situated at the knowledge threshold, and it may open up to a reverence attitude in the face of the mystery of being. Through metaphysical metaphors, intermediate names going beyond the univocal determination of metaphysical constructs from the past, Desmond aims at thinking through something which is present amidst finitude, indicating a foremost transcendence going beyond our experience: an upper transcendence essentially asymmetrical to our own transcendence. Such metaphors or hyperboles safeguard the enigma involved in the issue of God and the religious being. This enigma or mystery isn't something negative, but openness for a fuller and supra-determined agapic origin.

Keywords: Metaxology. Religion. Postmodern. Agape. Mystique.

Artigo recebido em 2 de agosto de 2012 e aprovado em 29 de setembro de 2012.

* Doutor em Filosofia. Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. País de origem: Brasil.
E-mail: jc-aguiar@ig.com.br.

Introduzindo a problemática

A religião na contemporaneidade é vista como uma construção humana que pode ser sempre desconstruível. Trata-se de uma religião pós-metafísica, concebida como heterológica, no sentido de que existe uma identidade estrutural entre religião e obrigação (SIMPSON, 2009, p. 11). Em outras palavras, a religião é uma obrigação para com a singularidade, vista como mais importante que qualquer construção universal. Assim sendo, a religião é o “*re-ligare*” do indivíduo singular com o absoluto, que não pode ser concebido em termos do universal da ontologia e que encontra no absoluto hegeliano sua formulação mais elaborada. Para Derrida, o nome de Deus é o nome que desejamos e amamos sem questionar: sem ver (*sans voir*), sem ter (*sans avoir*) e sem conhecer (*sans savoir*). Deus é o Outro impossível que desejamos apaixonadamente; trata-se do “*toute autre*” (totalmente Outro) (DERRIDA, 1999, p. 68).

O ente forjado pelo helenismo (e, subsequentemente, o Deus da teologia cristã) visava a suprir as necessidades estritas da ontologia grega, de Parmênides até Platão, que estavam perturbadas pelo tempo, pelo movimento e pela mudança (CAPUTO, 1997, p. 336). A crítica geral feita à religião metafísica é que ela é uma especulação abstrata, que ultrapassa as fronteiras do pensamento humano e desvia-nos da genuína experiência religiosa (SIMPSON, 2009, p. 120).

A religião sem religião advogada pelo pensamento contemporâneo é uma religião sem metafísica, que não necessita de nada além da dimensão ética. Qualquer referência ao ser supremo ou ao objeto de devoção religiosa, Deus, tem de remeter-nos ao valor ético supremo: o amor. Assim sendo, a religião do amor é sem religião e sem Deus.

A religião pós-metafísica é uma crítica ao sistema racional no estilo hegeliano, que, ao privilegiar certas proposições abstratas, impediu uma autêntica experiência de fé. A religião metafísica eleva o conhecimento religioso a um nível

absoluto e inscreve Deus no horizonte onto-theo-lógico. Deus é concebido como o ser mais elevado e causa primeira. A religião metafísica privilegia a universalidade abstrata e busca atingir um *status* rigoroso do pensar. A religião sem religião da contemporaneidade advoga uma profunda religiosidade com ou sem teologia, com ou sem religião. Em outras palavras, com ou sem qualquer reivindicação particular ao conhecimento religioso.

William Desmond mostra-se insatisfeito com a desconstrução contemporânea. Para ele, a tradição metafísica não se inicia e muito menos termina em um argumento racional. Ele busca pensar no espaço intermediário entre o pensamento e o que é outro ao pensamento (DESMOND, 1990, p. 3). Ao conceber a filosofia como metaxológica, Desmond vê a religião como um modo do ser e do pensar diferente do discurso filosófico e, ao mesmo tempo, constitutivo da própria filosofia. A metaxologia abre um novo horizonte de interlocução para além do desconstrucionismo e recusa a mera transformação do discurso religioso em uma ética sem ética.

Como o pensamento desmondiano é repleto de neologismos e por se tratar de um autor pouco conhecido no cenário filosófico brasileiro, apresentarei a seguir uma breve panorâmica da metaxologia como modo de refletir filosoficamente sobre o ser religioso.

1 O pensamento de William Desmond

Desmond tenta encontrar um caminho entre os dois extremos observados no cenário da filosofia contemporânea, que ele identifica como as opções hegeliana e wittgensteiniana (DESMOND, 1990, p. 3-4). Esta última enfatiza que o sentido humano é marcado pela fragmentação ou pluralidade de diferentes formas, que não podem ser reduzidas a uma essência unificada. A opção hegeliana tenta um balanço dialético entre a unidade e a pluralidade; todavia, existe uma propensão à

subordinação da diferença à identidade, muito embora não se trate de uma mera identidade, mas uma univocidade dialética. A opção hegeliana vê a pluralidade das configurações de sentido interligadas pela necessidade dialética, que tem seu culminar na filosofia. A filosofia é, para Hegel, a expressão máxima do espírito absoluto; a arte e a religião também pertencem ao espírito absoluto, mas, embora apresentem um conteúdo absoluto, carecem da forma absoluta. Em suma, a opção dialética reduz dialeticamente a pluralidade à identidade, enquanto para a opção wittgensteiniana a possibilidade de qualquer unidade se torna problemática (DESMOND, 1990, p. 3).

Desmond recusa o desconstrucionismo afirmando que a retórica da morte do sujeito e do fim da filosofia impõe uma dieta anêmica. Ele propõe uma releitura dos clássicos da nossa tradição do pensar, para encontrar aberturas sempre novas que iluminem os nossos desafios contemporâneos, sobretudo no que tange à filosofia e ao ser religioso. Desmond desenvolve o “sentido metaxológico do ser” em contraste com os sentidos unívoco, equívoco e dialético. Os quatro sentidos do ser se revelaram extremamente complexos. O sentido unívoco se encontra associado à ciência moderna e sua pretensão de determinação total do ser através da matematização e quantificação das coisas. O sentido equívoco está mais identificado com Wittgenstein e os jogos de linguagem. O sentido dialético tem como principal interlocutor Hegel. O ser possui um excesso que resiste a qualquer tentativa de conceitualização completa e determinada da metafísica ocidental, cujo voo mais ambicioso é encontrado no espírito absoluto de Hegel. Aristóteles (2002, 1003b5) exprimiu de modo lapidar o excesso do ser ao afirmar: *to on legatai pollachos* [o ser é dito de muitos modos]. Isso não significa que o esforço de pensar o ser de modo mais determinado não seja um exercício válido. Entretanto, o “excesso” do ser se apresenta em uma pluralidade de modos e somente discernindo essas diversas facetas é que poderemos ter uma maior clareza do pensar no que se refere à questão do ser. Tal clareza é denominada por Desmond “atenção-plena metafísica”.

A atenção-plena metafísica apresenta uma progressão e maturação que se iniciam com um momento de identidade não mediada, em que nada é visto como sendo realmente diferente do eu: trata-se do sentido unívoco do ser. A consciência unívoca possui uma abordagem englobante na qual apenas a identidade é percebida. O sentido ontológico de tal univocidade pode ser encontrado nas metafísicas influenciadas por Parmênides. O sentido lógico da univocidade perpassa todos os herdeiros de Aristóteles, com a afirmação de que ser inteligível é ser totalmente determinado.

Entretanto, a atenção-plena metafísica não pode deixar de reconhecer a presença imediata da alteridade, com a qual ela está constantemente confrontada. Tal confrontação leva a consciência unívoca à percepção crescente de uma alteridade que resiste à identidade totalizadora do eu. A atenção-plena metafísica se torna perplexa e, ao mesmo tempo, frustrada com a aparente equivocidade do ser, que surge como uma diferença não mediada, onde a identidade e a alteridade são vistas como opostas uma à outra. No sentido equívoco do ser, a atenção-plena metafísica é denominada plena-atenção equívoca.

A oposição dualista do sentido equívoco do ser é vista como justificativa para uma compreensão atomista do ser. A consciência equívoca aponta para zonas de tensão e ambiguidade no ser e no pensar que não permitem uma simples redução à unidade unívoca. Entretanto, se permanecermos nessa equivocidade, o suposto pluralismo que venhamos a defender não constituirá, de fato, uma comunidade, mas algo fragmentado.

A atenção-plena metafísica, por sua vez, tentará resolver as diferenças entre a identidade e a alteridade através da mediação do sentido dialético do ser. A dialética reconhece o dinamismo transcendente do pensamento e sua incansável superação de limites, sejam estes as fixações do ser pelo pensamento unívoco ou as diferenças não mediadas, diluídas, do pensamento equívoco. O sentido dialético está consciente da impossibilidade de evitar as questões últimas se quisermos

permanecer fiéis ao dinamismo inerente ao próprio pensamento. Essa foi umas das intuições mais geniais de Hegel.

Todavia, a mediação da diferença se torna predominantemente uma mediação de si. Se a atenção-plena metafísica permanecer no sentido dialético do ser, o pensamento arrisca-se a se fechar em si mesmo e o processo dialético se torna uma forma fechada de automeiação. Tal fechamento resulta, eventualmente, em uma univocidade dialética e a atenção-plena metafísica tem de aventurar-se mais uma vez e repensar a questão do ser. Isso leva a uma postura de intermediação que Desmond denomina “sentido metaxológico do ser”. Esse novo modo de mediação é, de fato, uma intermediação plural que não pode ser esgotada nem pela mediação do eu nem pela mediação do outro. Em outras palavras, o sentido metaxológico é uma intermediação que envolve a mediação entre a pluralidade de totalidades mediadas por si mesmas. A multiplicidade de instâncias de identidade é colocada lado a lado, de tal maneira que a identidade reconhece não apenas a alteridade daqueles que lhe são outros, mas também reconhece a si mesma em sua própria exemplificação de alteridade. É exatamente essa interação dinâmica que leva a consciência metafísica para além de uma determinação intoxicante da mediação de si, para uma intermediação na qual a atenção-plena metafísica é uma participante dentre uma pluralidade de participantes, na comunidade do ser.

O termo metaxológico é derivado do grego *metaxu*, que significa meio, intermediário, entre; o sentido metaxológico do ser diz respeito ao *logos* do *metaxu*, ou seja, um discurso do entre, do meio. Em contraposição a Hegel, um sistema, para Desmond, deve estar sempre aberto a reconhecer os modos do ser e do pensar que resistem a uma completa conceitualização ou univocidade dialética do ser (SOUZA, 2011, p. 207). Todavia, Desmond quer se distanciar de uma mera caricatura de Hegel e, apesar de criticá-lo, pretende evitar o que chama de *clichês*, derivados de Marx, Heidegger ou Derrida, explorando a possibilidade de uma interação dialética aberta entre a arte, a religião e a filosofia. Desmond se coloca

contra algumas atitudes observadas no pensamento pós-hegeliano sobre a tradição metafísica sem, necessariamente, aceitar a visão de Hegel sobre a filosofia especulativa. Desmond se define como estando situado, de modo geral, entre Hegel e seus críticos. Para ele, a filosofia não chega ao seu termo com Hegel e as velhas questões metafísicas se apresentam como perplexidades sempre novas para o pensar do presente.

Diferentemente de Hegel, para quem o ser puro, sem qualquer determinação, é, de fato, o mesmo que o nada, Desmond afirma que existe uma perplexidade primeira, fundante, que inicia o próprio pensar filosófico. Para Desmond, a consciência filosófica não se inicia e muito menos termina com/ou em um argumento. O ser é perplexidade, admiração, e sem essa perplexidade originária não haveria a própria consciência filosófica. O Ser é admiração, e essa afirmação não pode ser entendida como um argumento a mais. Somos, por assim dizer, jogados nessa admiração.

2 Desmond e o ser religioso

A filosofia é a prática plenamente-atenta da presença manifesta do Ser. Isso significa que ela deve abrir sempre um espaço para os seus outros e para as fontes mais originadoras de “espanto” e do maravilhar-se, do qual nossa plena-atenção é devedora. O que presenciamos a partir da guinada da modernidade é certo eclipse dessas fontes originantes.

Nós nos referimos ao mistério quando não compreendemos algo. Mistério se refere ao limite do conhecimento, concebido pela tradição ocidental desde Platão como determinação racional das coisas a partir do movimento noético. Nesse sentido, mistério é visto como algo negativo, como um vazio epistêmico. A metaxologia nos leva a refletir para além da determinação lógico-racional do pensar, ao advogar uma espécie de pobreza do conhecimento. Entretanto, tal

pobreza é rica e promissora, à medida que nos remete para a supradeterminação do próprio Ser.

Nessa perspectiva, mistério não pode ser visto como o oposto da verdade, à medida que apenas a verdade da determinação não é totalmente fiel ao caráter mais amplo da própria verdade. Nós não possuímos o conhecimento completo dos deuses, como Platão há muito reconheceu. Existe uma confiança ontológica envolvida na constituição da verdade.

Como vimos, Desmond busca desenvolver um pensamento quadriático em resposta à dialética triádica de Hegel. A univocidade acentua a identidade. Em contraste, a equivocidade tende à diferença. A dialética é um esforço para mediar entre a identidade e a diferença. Na modernidade, o sentido hegeliano da dialética influenciou o pensamento dialético subsequente colocando a ênfase na automediação do pensamento. O sentido metaxológico é o espaço de possibilidade de intermediação plurívoca para além da automediação. Trata-se da promessa de supradeterminação, que nos leva ao limite do mistério. O caráter excessivo do ser vai além do próprio pensamento, além de nós mesmos. A equivocidade não é um vazio que deve ser preenchido pela univocidade, mas um mistério que nunca será totalmente dissipado. O ser atento-plenamente no espaço intermediário do pensamento é o reconhecimento de que o ser é dito de muitos modos.

Para além da determinação do pensamento encontramos a pobreza do nosso conhecimento. Isso nos remete ao contexto do mistério que não é o oposto da verdade, mas algo diferente da determinação fixa. O ser verdadeiro é ser-entre, que revela a nossa participação na verdade, muito embora não tenhamos o conhecimento completo da verdade. No espaço intermediário do ser “sabemos que não sabemos” e o reconhecimento da nossa ignorância é sabedoria. O conhecimento não é apenas determinação, mas abre a nossa atenção-plena para o “espanto” que nos leva a uma alteridade que não conhecemos desde o início. Nós buscamos porque tal busca traz consigo a promessa do reconhecimento

enigmático, sem o qual nem mesmo a busca da verdade seria possível. Existe uma comunicação enigmática daquilo que buscamos.

O ser verdadeiro envolve certa fidelidade àquilo que se encontra na aurora da nossa atenção-plena e que se coloca como outra à nossa própria autodeterminação. Nós não construímos nada disso no ponto de partida. Trata-se de algo anterior à construção e para além da desconstrução. Ambas necessitam dele como condição. Nessa aurora, existe algo íntimo ou idiótico, uma espécie de confiança ontológica no próprio ser verdadeiro. Encontramos, aqui, uma lealdade íntima e o ser verdadeiro pode ser dito de muitos modos.

A guinada moderna acentua a autodeterminação do pensamento. A metaxologia articula os outros modos do ser, trazendo-os para o verdadeiro sentido de sua própria promessa de supradeterminação: a indeterminação da univocidade e da equivocidade, a determinação do pensar, a autodeterminação dialética e supradeterminação metaxológica. A supradeterminação é um modo de (in)determinação que possibilita toda determinação, à medida que o ser verdadeiro nos remete a um grau de inevitável mistério. A univocidade concebe o ser verdadeiro como uma proposição derivada de um enunciado unívoco. O sentido equívoco, por sua vez, tem de ser reconhecido não apenas pelo senso de ambiguidade, mas pelo duplo movimento da aparência e do esconder. Isso requer uma sutileza do pensamento. No sentido unívoco, a verdade está ligada a um senso estrito de geometria, enquanto que o sentido equívoco, como a sua dialética do mostrar-se e esconder-se, requer um espírito de sutileza. Evidentemente, a equivocidade apresenta certo ceticismo irremediável: o nosso fracasso de obter a verdade ou mesmo a confissão de que nunca poderemos ter certeza. Enquanto o ceticismo é o resultado negativo da equivocidade, o reconhecimento dos limites do nosso conhecimento, não. O chamado para a verdade é algo íntimo àquilo que somos. Existe uma porosidade íntima ao chamado à verdade.

O sentido dialético nutre as sementes da mediação, que já é íntima à equivocidade do ser verdadeiro. A verdade é, ao mesmo tempo, imanente e transcendente. A resposta hegeliana para o problema da verdade é uma univocidade inclusiva. A verdade é o todo, afirma Hegel. Entretanto, o ser verdadeiro, para Desmond, é mais do que o todo. A metaxologia tenta fazer justiça à supradeterminação para além da indeterminação, determinação e autodeterminação. Existe uma alteridade supradeterminada no *milieu* do ser que se comunica plurivocalmente.

3 O ser religioso, a porosidade, e as hipérboles do ser

Desmond denomina hipérboles do ser os acontecimentos em meio à imanência que não podem ser totalmente determinados de modo imanente. No espaço intermediário do entre em meio à imanência, elas apresentam porosidades capazes de comunicar mais do que eles mesmos, entendidos em termos de imanência. Tratam-se de acontecimentos que se abrem para um sentido de transcendência última em meio à imanência do entre. Isso envolve figuras ou modos outros do pensar, impossíveis de ser comunicados de modo determinado.

A hipérbole é uma figuração de sentido que aponta um excesso observado no ser. Trata-se de algo que excede a nossa intencionalidade. Esse modo de reflexão hiperbólica distancia-se da prioridade dada na modernidade ao ego transcendental, enquanto unidade constituidora dos fenômenos. A metáfora desmondiana excede o fenômeno ao desenvolver um modo do pensar pós-dialético, pós-moderno, através da compreensão da filosofia como metaxológica. Desmond tematiza o caráter supradeterminado do ser em contraposição à autodeterminação do pensamento que encontrou na dialética hegeliana sua exemplificação mais elevada.

Em Hegel, encontramos uma fenomenologia do espírito. O conhecimento absoluto não vai além da totalidade dialeticamente constituída; o conhecimento

não vai além de si mesmo. Para Desmond, o ponto de partida se dá no reconhecimento da pobreza da filosofia, quando o pensamento sabe que necessita ir além de si mesmo. O pensamento é uma abertura comunicativa para a sua própria fonte originadora. Isso significa que o pensamento se encontra no limiar do saber, podendo se abrir para uma posição de reverência diante do mistério do ser.

Para Desmond, se Deus não pode ser determinado univocamente, só podemos nos referir a ele indiretamente, ou seja, através de metáforas metafísicas, nomes intermediários, para além da determinação unívoca das construções metafísicas do passado (DESMOND, 1990, p. 207). Tais metáforas ou hipérboles asseguram o enigma envolvido na questão de Deus (DESMOND, 1990, p. 113).

Desmond apresenta quatro metáforas hiperbólicas do ser, que situam o pensamento para além da determinação automediada do pensar. A primeira hipérbole se refere à idiótica do ser. Não se trata da rejeição da inteligibilidade, mas do ir além, para uma dimensão que se encontra no limiar do mistério.

A segunda hipérbole se refere ao aparecimento estético. É necessário que o cosmos seja um ícone cuja referência última é um Deus estético. Em outras palavras, o ícone é poros e aponta para a comunicação equívoca do sagrado.

A terceira metáfora nos leva a refletir sobre o caráter erótico do ser humano, que é intimamente hiperbólico, à medida que vai além de si mesmo. Existe uma porosidade primeira em excesso à nossa própria automediação. Trata-se de algo hiperbólico ao *conatus essendi*. A filosofia medieval utiliza o termo alma para expressar esse caráter singular do ser humano. A alma coloca-nos em contato com a porosidade do ser. Desmond explora a dupla paternidade de eros no mito de Diotima: *penia* e *poros*. Existe uma porosidade no próprio eros. O ser humano, enquanto abertura para além de si mesmo, apresenta no seu próprio eu essa porosidade. No próprio eros existe um primeiro ágape.

A quarta hipérbole se refere à comunicação agápica da generosidade excessiva do ser. Esse excesso permite a existência de todas as coisas e vai além de toda determinação. O nosso ser se dá na intermediação do ser e, por isso mesmo, o ser humano nunca será capaz de resolver a ambiguidade da verdade a respeito de si mesmo.

Para Desmond, o conhecimento surge do próprio fato de que existe o ser ao invés do nada. Assim sendo, a própria externalidade ordenada do mundo é a base da nossa confiança epistêmica das coisas (DESMOND, 1995, p. 8). O mundo exprime uma valoração intrínseca que não pode ser determinada pelo *self*. Para tal concepção, é necessária uma concepção de valor infinito, que se torna porosidade para uma profunda abertura para o ser, que transcende a determinação do pensamento e de sua vontade de potência.

O problema de Deus na modernidade pode ser descrito em termos da antinomia entre a autonomia e a transcendência. Ao absolutizar a autonomia, a idade moderna relativizou a transcendência (DESMOND, 2003, p. 92). Deus foi visto como mera projeção de nossos próprios poderes. A razão autônoma é a origem de toda inteligibilidade. Desse modo, criou-se um *éthos* de indiferença a respeito de Deus. O *self* se torna o árbitro epistêmico do mundo do conhecimento. O espírito é visto como sendo a origem racional do mundo que se desdobra. Ao absolutizarmos a autonomia da razão, restou uma transcendência relativizada, que sobrevive apenas como a projeção da nossa própria vontade de potência.

O dualismo moderno entre fato e valor divorciou o ser de sua bondade intrínseca (DESMOND, 1995, p. 72-103), dando expressão ao duplo processo de objetivação do ser e de subjetivação do valor (DESMOND, 2003, p. 21-22). O mundo se torna um mecanismo universal no qual tudo deve possuir um valor para o *self* (DESMOND, 1987, p. 158). Para Desmond, o *éthos* moderno é a reconfiguração subjetivada de um *éthos* primeiro e significou uma determinação unívoca do espaço metaxológico do ser. É necessário que a filosofia volte a se abrir

para uma reflexão sobre o *éthos* primeiro e que, no caso específico da religião, significa buscar a verdade a respeito do mistério divino para além da autodeterminação da alteridade sagrada. A filosofia desmondiana busca uma abertura genuína do pensamento para a transcendência última (DESMOND, 2008, p. 43-44).

O que é hiperbólico para o pensamento desmondiano é a própria abertura humana para o outro e para a transcendência (SIMPSON, 2009, p. 132). O pensamento contemporâneo faz de Deus um sinal meramente hiperbólico das possibilidades humanas (SIMPSON, 2009, p. 133). Desmond, ao contrário, busca refletir sobre algo presente em meio à finitude, que indica algo que vai além da nossa experiência, algo transcendente: uma transcendência superior essencialmente assimétrica à nossa própria transcendência.

Considerações finais

A reflexão desmondiana sobre a religião e sobre Deus é o esforço de pensar filosoficamente a partir de uma matriz religiosa, que envolve contemplação e meditação sobre a alteridade última e transcendente. Pensar metaxologicamente sobre o mistério e o valor intrínseco do ser envolve uma mística que vai além do pensamento determinado. Isso implica a pobreza da filosofia, que, ao invés de ser algum demérito para o pensamento, transforma-se em poros de comunicação com algo que vai além da determinação do pensar.

A partir do espaço intermediário do meio, podemos falar indiretamente sobre Deus enquanto outro transcendente. Isso significa falar por imagens e representações, o que envolve certa dialética entre o original e a imagem em nosso modo de pensar: nenhuma imagem unívoca é capaz de abarcar completamente o original (DESMOND, 1990, p. 111, 136). Temos de aceitá-lo como um enigma. Deus é a transcendência última, que se encontra para além de todos os nomes e imagens

(DESMOND, 1990, p. 157). O modo indireto de referirmo-nos a Deus apresenta uma impossibilidade, à medida que ele permanecerá sempre diferente de todas as nossas tentativas de pensar sobre Ele.

Entretanto, dar um nome é, ao mesmo tempo, necessário e impossível. Por isso mesmo, só podemos falar de Deus metaforicamente. As metáforas metafísicas propostas por Desmond são categorias filosóficas ou imagens sem imagens (DESMOND, 1995, p. 504). Trata-se de um modo de articulação do que se encontra para além da determinação unívoca do pensamento (DESMOND, 1995, p. 310). As imagens são nomes intermediários que, de algum modo, articulam o que se encontra para além da determinação unívoca. Segundo Simpson (2009, p. 96), uma metáfora metafísica, no sentido em que Desmond emprega o termo em referência a Deus, “é um dizer concreto da perplexidade que preserva a referência a um para além, para uma alteridade e respeita o enigma daquilo que é último”.

Juntamente com as metáforas metafísicas, Desmond utiliza o conceito de hipérbole para se referir ao pensamento. Mesmo possuindo a exigência de imanência, o pensamento hiperbólico nos leva a pensar o transcendente. Ele se refere a algo na experiência que sugere algo para além da experiência. O pensamento hiperbólico diz respeito a como o nosso entendimento da realidade finita impele o nosso pensamento para algo mais do que o meramente finito. Isso se dá através da transcendência externa das coisas, denominada transcendência primeira; através da transcendência interior do sujeito ou segunda transcendência; e, por último, a transcendência superior para além do espaço metaxológico do ser, denominada terceira transcendência (DESMOND, 1990, p. 343).

Para Desmond, o entendimento metaxológico vê Deus em termos da transcendência superior. Trata-se de uma alteridade caracterizada como plenitude. Ela permanece sempre em si e para si um enigma para nós. Enquanto transcendência original, não está meramente para além, mas origina alteridades genuínas. Ela é uma transcendência supradeterminada e excessiva: o original

absoluto, que excede a inteligibilidade determinada (DESMOND, 1995, p. 502).

Desmond estabelece a diferença entre a origem erótica, associada à dialética hegeliana, e a origem agápica do ser. Diferentemente da primeira, a segunda não necessita produzir-se em sua originação, à medida que ela é sempre si mesma.

A filosofia deve, então, entoar cantos filosóficos diante do mistério do próprio ser, para além do pensamento determinado. Segundo Desmond (1990, p. 233), essa “atitude contemplativa representa a nossa liberdade mais elevada, a liberdade de estar atento-plenamente ao que é o valor último”.

O pensamento possui a exigência de ser hiperbólico no sentido de que algo na experiência sugere algo para além da experiência. Trata-se de algo assimétrico à finitude em meio à finitude e que leva o pensamento a algo que excede a categorização determinada do pensar. Assim sendo, a filosofia de Desmond é um modo de vigília ou de mística pelos sinais da alteridade absoluta em meio à finitude. A alteridade do absoluto não poderá nunca ser circunscrita pelo pensamento, que medeia apenas consigo mesmo. Nessa tensão, temos de encontrar modos outros de falar significativamente de Deus.

Para Desmond, a univocidade concebeu Deus como uma eternidade unívoca e estática, absoluta em sua imutabilidade, para além do tempo e do devir. Essa concepção influenciou toda a tradição metafísica do Ocidente (SIMPSON, 2009, p. 122). Entretanto, tal concepção foi responsável por tornar Deus redundante com o advento da modernidade, à medida que ele foi definido negativamente em oposição ao mundo e ao *cogito* (DESMOND, 1995, p. 240).

A concepção metaxológica afirma a possibilidade de conhecimento de Deus enquanto origem agápica, sem a pretensão de conhecimento absoluto (DESMOND, 1995, p. 506). Para Desmond (1995, p. 8), o conhecimento de Deus surge do próprio fato de que existe o ser ao invés do nada. A mística do pensamento proposto por Desmond busca salvaguardar as perplexidades irreduzíveis, que se

encontram no limite do próprio pensamento (DESMOND, 2000, p. 242). Ao levar o pensamento para além dos limites da determinação, a metaxologia representa uma alternativa viável à desconstrução contemporânea (SIMPSON, 2009, p. 3-4). Ao recusar “a religião sem religião”, Desmond reconhece o ser religioso como um modo diferente do pensamento participante da comunidade metaxológica do ser.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. v. 2.
- CAPUTO, John. **The prayers and tears of Jacques Derrida: religion without religion**. Bloomington: Indiana University Press, 1997.
- DERRIDA, Jacques. **Donner la mort**. Paris: Galilée, 1999.
- DESMOND, William. Hegel, history and philosophical contemporaneity. **Filosofia Oggi**, v. 4, n. 2, p. 211-226, 1981.
- DESMOND, William. Hegel and the problem of religious representation. **Philosophical Studies**, v. 30, p. 9-22, 1984.
- DESMOND, William. **Art and the absolute: a study of Hegel's aesthetics**. Albany: State University of New York Press, 1986.
- DESMOND, William. **Desire, dialectic, and otherness: an essay on origins**. New Heaven: Yale University Press, 1987.
- DESMOND, William. Can philosophy laugh at itself? On Hegel and Aristophanes. **The Owl of Minerva**, v. 20, n. 2, p. 131-149, 1989.
- DESMOND, William. **Philosophy and its others: ways of being and mind**. Albany: State University of New York Press, 1990.
- DESMOND, William. **Beyond Hegel and dialectic: speculation cult and comedy**. Albany: State University of New York Press, 1992.
- DESMOND, William. **Being and between**. Albany: State University of New York Press, 1995.
- DESMOND, William. **A filosofia e os seus outros: modos do ser e do pensar**. São Paulo: Loyola, 2000.

DESMOND, William. **Hegel's God: a counterfeit double?** Asdershot: Ashgate, 2003.

DESMOND, William. **Is there a sabbath for thought?** Between religion and philosophy. New York: Ford ham University Press, 2005.

DESMOND, William. **God and the between.** Oxford: Blackwell, 2008.

SIMPSON, Christopher B. **Religion, metaphysics and the postmodern: William Desmond and John D. Caputo.** Bloomington: Indiana University Press, 2009.

SOUZA, J. C. A. **O projeto da modernidade:** autonomia, secularização e novas perspectivas. Brasília, DF: Liber Livro, 2005.

SOUZA, J. C. A. Metafísica semper reformanda: a metaxologia e o espaço intermediário do ser. In: SANTOS, Magda Guadalupe dos; OLIVEIRA, Ibraim Vitor (Org.). **Tempos da metafísica.** Belo Horizonte: Tessitura, 2011.